

DA NOÇÃO DO SAGRADO, NA OBRA *O PROFETA* DE GIBRAN KHALIL GIBRAN¹

[José A. Lopes](#)

1

Neste ano de 2013, em que se comemora os 130 anos de nascimento de Gibran Khalil Gibran, um dos escritores orientais mais lido em todo mundo e no Brasil pela Associação Cultural Brasil-Líbano, reapresento o presente artigo, Da Noção do Sagrado em Gibran Khalil Gibran. A motivação para uma investigação sobre o Sagrado em Gibran Khalil Gibran surgiu no primeiro momento, durante o estudo da língua árabe clássica na escola *The Farj Center for the Arabic Language* — reconhecida pelo Ministério da Educação da República Árabe do Egito e por *The World Federation of International Arab Islamic School* na cidade do Cairo, Egito nos anos de 1999 a 2001. Posteriormente, o estudo foi incentivado pelos sábios conselhos dos doutores Antônio Máspoli Gomes de Araújo e Carlos Ribeiro Caldas Filho, professor e coordenador do programa de pós-graduação da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie no ano de 2009, a atualmente pelo incentivo e motivação dos sábios professores Dr. Marcelo Martins Bueno, diretor do CEFT e Dr. Jorge Luís Gutiérrez, Editor Revista Pandora Brasil, professor de filosofia do CEFT- Centro de Educação de Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Embora o pensamento espiritualista e exotérico de Gibran Khalil Gibran, e mesmo de qualquer outro pensador, não possa ser compreendido apenas a partir da leitura de uma única obra, por maior que seja a sua importância, entende-se que a obra *O profeta* de Gibran Khalil Gibran traz aspectos fundamentais para uma primeira compreensão de aspectos sagrados da cultura representada por Gibran.

Mary Haskell lembra-se que Gibran dizia que *O Profeta* era o primeiro livro de sua carreira, seu primeiro livro verdadeiro, seu fruto maduro (Dauodi, p. 98, 1982). Em outra ocasião Gibran, respondendo a um editor crítico que lhe perguntara como

¹ Publicado originalmente como coautor na obra, Religião e psique - Psicologia Social: estudos de religião e protestantismo, Editora Reflexão em Out/ 2012.

conseguiria conceber *O Profeta*, exclamou: “Será que eu o escrevi? Ele me escreveu” e acrescentou em outra oportunidade:

Acho que nunca fiquei sem *O Profeta*, desde o momento que o concebi, lá no Monte Líbano. Parece que faz parte de mim. Mantive o manuscrito por quatro anos, antes de entrega-lo ao meu editor, pois queria ter certeza, queria ter muita certeza de que cada palavra, ali contida, era o melhor que eu podia oferecer. (Dauodi, p. 98, 1982)

2

A benfeitora e amiga de Gibran, Mary Haskell foi uma das primeiras pessoas que firmemente acreditou que, em *O Profeta*, o sagrado, através de suas linhas, emanava. Assim que teria terminado lê-lo pela primeira vez, Mary escreveu para Khalil Gibran, dizendo:

O profeta chegou hoje, e fez mais do que concretizar as minhas esperanças, pois parece que em sua forma compacta, abriu em mim novas portas de desejo e imaginação. Este livro se transformará num dos tesouros da literatura inglesa, em nossa escuridão e fraqueza, nós o abriremos para nos descobrir novamente e para descobriremos o céu, e a terra dentro de nós. (DOUADI, p. 98, 1982)

Mas Haskell, contudo, não havia sido a primeira mulher a ter lido a obra desse libanês que rascunhou a que seria a obra de sua vida, em árabe, e, mudando para os Estados Unidos com a sua mãe, manteve um trabalho árduo em cima dos originais que, para ela, ainda tinham muito a ser amadurecidos. Obediente ao conselho da mãe, em 1918, quando Haskell comemorava 45 anos, Gibran chegou a dizer-lhe:

Esses são escritos em árabe, criei quando tinha dezesseis anos, minha redação ainda era primária, este livro de Al Mustafá provavelmente ainda ficará comigo por mais cinco anos ou mais antes de ir para o prelo ou ser publicado, mas já o tenho a estrutura completa em meu pensamento. (YOUNG, p.58,1973)

Engendrada em Gibran desde a sua infância e juventude, a obra *O profeta* foi escrita revelando sua história mesclada à do Oriente Médio, dividindo ora os fatos, e, quase sempre, os sentimentos. Desde que estudava no Líbano, na célebre *École de La Sagesse, Madrassat al-Hikmat*², trabalhava nessa obra. Tendo vivido 49 anos, estima-se que pelo menos 36 tenham sido dedicados a ela (DAOUDI, p.98,182), embora Gibran, particularmente, tenha sentido esse tempo com maior intensidade. No dia 9 de janeiro

² École de La Sagesse, Madrassat al-Hikmat: Escola da Sabedoria.

de 1919 escreveu para May Zeadeh³, sua amiga que morava na cidade do Cairo no Egito: “*Há mil anos escrevi ‘O profeta’*” (YOUNG, p, 149, 1973).

A obra *O profeta* foi primeiro publicada em inglês, nos Estados Unidos, e tornou-se livro de cabeceira dos americanos. É lido, foi lido, relido e comentado por pastores protestantes em seus sermões, como Martin Luther King, na América do Norte, durante as celebrações das igrejas cristãs evangélicas e católicas americanas por conter uma sublime ética humana. Até o ano de 1983, esta obra singular havia sido traduzida para mais de 70 idiomas.

Considerada por Gibran sagrada, a obra não é, contudo, conivente com a disparidade entre um clero enriquecido e um povo que trabalha duro para sobreviver e se sustentar. Muito revolucionário, Gibran procura mostrar que não é assim a prática da verdadeira religião ou de quem conhece o sagrado.

Sempre muito sensível à injustiça, sensibilidade resultante também de uma vida marcada por sofrimento e por perdas familiares, em *O profeta*, Gibran procura descrever o que é verdadeiramente sagrado: do amor, à morte e ao que vem depois dela. E é sempre interessante observar como as noções do Sagrado em Gibran, de alguma forma, remetem a noções sagradas também na cultura ocidental, judaico-cristã. Conforme observaremos a seguir.

Gibran inicia sua obra falando sobre o valor sagrado do amor. Almitra, um personagem, pede a *O profeta* que fale de amor, e ele, então, eleva o seu rosto e contempla a multidão. Envolvido no silêncio, expressa:

*Lorsque l’ amour vous fait signe, suivez-le. Même si ses voies sont dures et raides. Et lorsque ses ailes vous enveloppent, cédez-lui, quoisque la lame cachée dans son plumage puisse vous blesser. Et lorsqu’ il vous parle, croyez-le. Quoique as voix puisse fracasser vos rêves comme le vent du nord qui saccage le jardin*⁴. (GIBRAN, p. 27, 1990).

O amor, para Gibran, basta em si mesmo; esse amor o aproximava do coração de Deus, divino e sagrado⁵.

³ Escritora palestina que vivia no Cairo e foi correspondente de Gibran por cerca de 20 anos.

⁴ Quando o amor vos chamar segui-lo. Embora seus caminhos sejam agrestes e escarpados. E quando eles vos envolver com as suas asas cedei-lhe, embora a espada oculta sob a sua plumagem possa ferir-vos. E quando ele vos falar, acreditai nele. Embora sua voz possa despedaçar vossos sonhos como vento devasta o jardim. (Tradução livre).

⁵ A obra original de Kahlil Gibran, “The Prophet”, em inglês traz o seguinte texto: “When you love you should not say. ‘God is in my heart’, but rather. ‘I am in the heart of God.’” (GIBRAN, pág. 15, 1923), que

Do modo com o qual ele trata a questão do amor, traz à mente o que registrou Apóstolo São Paulo na sua escrita aos coríntios, em que se lê:

Passo agora a mostrar-lhes um caminho ainda mais um excelente. Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos e não tiver amor serei como um sino que ressoa ou como um prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver o amor nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo que possuo, entregue meu corpo para ser queimado se não tiver amor nada disso me valerá. (1 Coríntios 12.31, 13. 1- 3)

4

Na sequência, o Apóstolo começa a dar as características do amor. Paulo define que o amor é paciente, bondoso, não inveja, não vangloria e não se orgulha; não maltrata, não procura os seus interesses, não se ira facilmente e não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade, tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta.

Há uma semelhança no tratamento do amor e na relação que, em ambos os textos, ele tem com o Sagrado. Mas salienta-se que, se no escrito do Apóstolo o amor era uma virtude cristã, mais importante do que todas as virtudes, do que a fé, do que a esperança, em *O Profeta* de Gibran, o amor é retratado como um sagrado na vida daquele que busca o divino, que procura viver a realidade de uma vida plena.

O segundo valor sagrado para Gibran é o matrimônio, ou casamento. Almitra, após tratar do fundamental amor, pergunta ao profeta: “E que nos dizes do Casamento, mestre”? (Gibran, 2009, p.25), ao que *O Profeta* responde:

*Vous êtes nés ensemble et à tout jamais vous resterez ensemble. Vous serez ensemble quando les ailes blanches de la mort éparpilleront vos jours. Oui, vous resterez ensemble jusque ans le silence de la mémoire de Dieu*⁶. (GIBRAN, p. 31, 1990).

Apesar de Gibran nunca ter se casado e jamais ter chegado a constituir família, tratou do casamento e de sua relação com o Sagrado sendo esse tema muito importante para a cultura árabe cristã e/ou muçulmana.

Para cristãos e muçulmanos, o casamento é a base da sociedade, é a base dos pais. Para ambas as religiões, a família é a célula mater da sociedade. Isso se destaca em relação à sociedade árabe, uma vez que nela tudo se faz dentro do casamento. Dessa

em português pode ser traduzido para “Quando um de vós ama, que não diga: ‘Deus está no meu coração’, mas diga: ‘Eu estou no coração de Deus’”.

⁶ Vós nascestes juntos, e juntos permaneceréis para todo o sempre. Juntos estareis quando as brancas asas da morte dissiparem vossos dias. Juntos estareis até a memória silenciosa de Deus. (Tradução livre).

forma Gibran, sendo árabe libanês, embora vivesse nos Estados Unidos e nunca tivesse desposado uma das suas 17 amantes para gerar filhos, dentro do seu contexto do legado árabe, não ignora como sagrada a questão da constituição da família.

O terceiro tema sagrado que Gibran cita na sua obra, e como continuidade ao tema do casamento, são os filhos. Ele começa o seu relato dizendo a respeito de uma mulher que carregava o filho nos braços.

Your children are not your children. They are the sons and daughters of Life's longing for itself. They come through you but not from you. And though they are with you yet they belong not to you. [...] You are the bows from which your children as living arrows are sent forth. [...] For even as He loves the arrow that flies, so He loves also bow that this stable⁷. (GIBRAN, p. 22, 1951)

Gibran valoriza a liberdade de pensamento dos filhos, ao mesmo tempo em que conjuga essa liberdade ao fato de que a mãe e o pai sejam provedores da vida de seus filhos porque responsáveis pelo seu nascimento. Na sociedade patriarcal árabe, os filhos e filhas são prêmios, são heranças e pertencem aos pais.

A menção aos filhos como flechas em uma aljava se assemelha à menção dos filhos presentes nas Escrituras Sagradas, no Cântico de peregrinação do rei Salomão, que diz:

Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá. Como flechas nas mãos do guerreiro são os filhos nascidos na juventude. Como é feliz o homem que tem a sua aljava cheia deles! Não será humilhado quando enfrentar seus inimigos no tribunal. (Salmos 127. 3-5)

Os filhos e filhas são herança de Deus para os pais, desde sua juventude até a velhice. São os filhos que carregam toda a herança do legado da família, principalmente o filho que transmite o nome da família e tem a incumbência e responsabilidade de supri-la por ser o homem da casa ou lar.

Pode-se concluir que Gibran tratava os filhos também como parte do sagrado, uma vez que o sagrado maior seria a família.

⁷ Seus filhos não são seus filhos. Eles são filhos e filhas da vida que ganharam. Eles vieram à vida através de vocês mas não foram vocês que lhe deram a vida. [...] Vocês são como o arco de onde cada um de seus filhos são flechas que partem. E assim como Ele ama a flecha que voa, ama o arco que é firme. (Tradução livre).

Dádiva, então, é uma virtude sagrada de uma pessoa generosa que deseja beneficiar o seu semelhante, independentemente da sua crença religiosa. Faz parte da natureza humana, mas com a presença do divino.

Na obra *O Profeta*, Gibran, através da voz “um homem rico” disse, em quarto lugar, sobre dádiva ou a virtude do doar.

*You give but little when you give of your possessions. It is when you give of yourself that you truly give. For what are you your possessions but things you keep and guard for fear you may need them tomorrow? [...] Through the hands of such as these God speaks, and from behind their eyes He smile upon the earth. For in truth it is life that gives unto life – while you, who deem yourself a giver, are but a witness*⁸. (GIBRAN, pp. 25-28, 1951).

Gibran, como homem do oriente médio, tinha com a sua mãe, Kamila Gibran, e seus irmãos a prática de doarem-se à sua comunidade, em Bicharré, no Líbano, prática que mantiveram quando se mudaram para Boston, em Nova York, nos Estados Unidos. Gibran, portanto, reconhecia que a pessoa, devido ao seu próprio egoísmo e mesquinhez, privava-se de se dar a si mesmo na prática da generosidade da vida.

Doar e dar com alegria é dádiva do sagrado, produz alegria, considerada por ele a maior recompensa que uma pessoa pode atingir. Então ele também dizia que Deus fala através dos nossos olhos; nosso corpo, portanto, é instrumento de Deus. Se sorrimos, expressamos o sorriso de Deus; se abraçamos, Deus abraça por meio de nós.

As Escrituras Sagradas tratam o corpo como dádiva divina e templo sagrado. Feitos à imagem do Todo Poderoso ou pelo eterno, fomos feitos em sacralidade e beleza e devemos cuidar de nós mesmos porque, conforme dizem as Escrituras Sagradas nosso corpo é templo e morada de Deus eterno.

Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos. Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus como o seu próprio corpo. (Coríntios 6.19-20).

Após tratar do sagrado no ato da doação, *O Profeta* trata, através da voz de um ancião, do comer e beber. Ambos são tratados por Gibran como parte do cuidado que

⁸ Quando vocês dão o que possuem, dão pouco. É quando vocês dão o que são que realmente oferecem algo. Pois o que são as suas posses além daquilo que mantém guardado por medo de necessitar no dia de amanhã? [...] Através das nossas mãos Deus fala, e através dos nossos olhos Ele sorri para a Terra. Porque a verdade é que apenas a vida pode dar vida — logo você, que se julga um doador, é apenas uma testemunha. (Tradução livre).

devemos ter com o corpo, para que possamos servir ao próximo (doação), sobretudo ao cônjuge, aos filhos, e sempre na prática do amor. Diz *O Profeta*:

Would that you could live on the fragrance of the earth, an air plant be sustained by the light. But since you must kill to eat, and rob the newly born of its mother's milk to quench your thirst, let it then be an act of worship. [...] When you kill a beast say to him in your heart, 'by the same power that slays you, I too am slain; and I too shall be consumed. For the law that delivered you into my hand shall deliver me into a mightier hand. Your blood and my blood is naught but the sap that feeds the tree of heaven'⁹. (GIBRAN, pp. 31-32, 1951).

7

Gibran defende o meio ambiente e a natureza como sagrados. Combate a destruição da natureza, e preza a harmonia e o equilíbrio entre os reinos animal e vegetal. Combate a violência humana e condena a matança de animais. Assim como se mata um animal para sobrevivência e alimento para o Homem, da mesma forma o animal poderá alimentar-se e devorar o Homem, ser alimento de outro animal. Desse modo, como o animal é degolado pelo seu predador, o Homem enfrentará a morte.

Jesus, nos Evangelhos, fala sobre o comer e o beber e se fartar, dizendo “E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se”. (Lucas 12.19). Mas também alerta àqueles que vivem para se fartarem. Dessa forma, o ensino neo-testamentário é de que os alimentos de que o Homem precisa são bons, independentemente se de origem animal ou vegetal, porque foram criados por Deus que sabe que precisamos nos alimentar. Mal é vivermos em função da nossa necessidade pelas partes, mais do que vivermos a necessidade por Deus.

Na sequência da análise do sagrado em Gibran, *O Profeta* aborda o trabalho na voz do lavrador, que ara a sua terra para semeadura. Diz:

You work that you may keep pace with the Earth and the soul of the Earth. For to be idle is to become a stranger unto the seasons, and to step out of life's procession, that marches in majesty and proud submission towards the infinite. [...] And you work with love you bind yourself to yourself, and to one another, and to God.¹⁰ (GIBRAN, p. 33, 1951).

⁹ Poderias viver na fragrância da terra, do ar e planta e ser sustentado pela luz. Mas já que você precisa matar para comer e roubar do leite recém nascido de sua mãe para matar a sua sede, permita que isso seja um ato de adoração. [...] Quando você matar uma fera diga em seu coração: “Pelo mesmo poder eu o degolo, e sou degolado, e também serei consumido. Pois a lei que te entregou em minhas mãos irá me entregar em mãos mais soberanas do que as minhas. Seu sangue e meu sangue são apenas a seiva que alimenta as árvores do paraíso”. (Tradução livre).

¹⁰ Você trabalha para acompanhar o ritmo da terra e alma da terra. Pois ser ocioso é se tornar um estranho em meio às estações e afastar-se da procissão da vida que marcha em amizade e orgulhosa

O labor, ou trabalho, com amor e respeito à terra, é sagrado e dignifica, além de ser fundamental para a sobrevivência do Homem, da família e da sociedade. O homem trabalhador dedicar-se-á ao trabalho como sagrado, portanto. Na visão e pensamento de Gibran Khalil Gibran, o trabalho como sagrado era uma maneira de se aproximar de Deus através da natureza, uma maneira de celebrar Deus e reconhecê-lo como criador e provedor da terra.

As Escrituras Sagradas afirmam que o trabalho foi criado para o benefício e bênção do homem. Mas, após a queda, ele deveria trabalhar para ganhar o pão de cada dia com o suor de seu rosto, com esforço e muita dedicação. “Com suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte a terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó, e ao pó e ao pó voltará.”, está dito em Gênesis 3.19.

Através do trabalho árduo, o homem, independente da sua crença e religião, lembrar-se-ia do sagrado e do divino, pois Deus havia instituído o trabalho. Parece não ser bem assim atualmente. Há pessoas que, embora trabalhem, maldizem o labor. Será por que eles odeiam e detestam o seu trabalho? Eles não trabalham ou gostariam ter uma vida sem ter de fazê-lo?

Gibran Khalil Gibran não conseguia considerar tal distonia com o trabalho como boa porque reconhecia que o trabalho era sagrado, pois unia o homem a Deus. Para reforçar essa noção, Gibran dá o exemplo do trabalho do tecelão, que tecia o tecido com fios desfiados do próprio coração. E o tecido assim produzido estaria pronto para construir uma casa com afeição, e isto lhe seria por benefício do trabalho feito.

No pensamento de Gibran, e também na visão das Escrituras Sagradas, o trabalho como sagrado deve ser feito com integridade, ternura e dedicação. Sendo, assim, é uma dádiva de Deus, que se torna visível quando feita com amor.

Desse modo, através do trabalho, Gibran materializava a prática do amor sagrado, e demonstrava que se o trabalho feito sem excelência equivalia à não prática do amor para com o próximo. Dessa forma, os vagabundos e preguiçosos não reconhecem o trabalho como sagrado e não adoram a Deus, pois não o reconhecem como bênção divina.

submissão ao infinito. [...] E você que trabalha com amor, encontra um vínculo verdadeiro entre o trabalho e você mesmo, o trabalho e o outro e o trabalho e Deus. (Tradução livre).

Gibran é severo e exorta o preguiçoso e ingrato por seu trabalho, dizendo que seria melhor abandoná-lo e sentar à porta do templo para pedir esmola daqueles que trabalham com alegria. Também considera o vagabundo, preguiçoso, ou seja, aquele que não trabalha, como se fosse um desventurado, uma pessoa miserável.

Então, um dos magistrados ou juízes da cidade aproxima-se de *O Profeta* e pede que ele fale sobre o crime e punição ou castigo, ao que *O Profeta* responde:

*It is when your spirit goes wandering upon the Wind, that you, alone and unguarded, commit a wrong unto others and therefore unto yourself. And for that wrong committed must you knick and wait a while unheeded at the gate of blessed*¹¹ (GIBRAN, p. 49, 1951).

Gibran compreende que o crime não compensa, e que o transgressor sofrerá punição. No entendimento de Gibran, os magistrados e juízes são agentes do sagrado para combater o crime com castigo. Por outro lado, Gibran também entende que o homem, bom ou mal, justo ou injusto, só quem o pode verdadeiramente separar seria o Ser eterno, Ser supremo, se todo tipo de homem caminha sob o Sol.

De acordo com o ensinamento de Jesus, Deus faz nascer o Sol sobre os justos e os injustos (Mateus 5.45¹²). De acordo com a Bíblia, mesmo a pessoa que vive praticando o mal não deixa de receber a água, o pão, o Sol, o ar que respira, e a saúde. Ele dá a esse homem malfeitor, que pratica o mal, as bênçãos, porém ele será punido no tempo de Deus. É interessante ver expressa a misericórdia de Deus, a misericórdia, a longanimidade de um Deus todo poderoso e eterno.

De acordo com Gibran, a punição pretende punir em nome da retidão; ela, de certa forma, é como um machado posto ao lado da árvore do mal. Ainda, no entanto, que essa árvores seja cortada, ainda existem as raízes a serem arrancadas. Logo, ao mesmo tempo que Gibran entende ser da responsabilidade das autoridades a punição do homem, acredita que a punição, em uma sociedade corrupta, nunca é perfeita porque as raízes do mal não são efetivamente cortadas. Então, Gibran afirma que o crime é um mal que deve ser extirpado pela raiz.

¹¹ E quando o seu espírito vagueia ao vento, é que você, sozinho e desamparado, comete erros (delitos) para os demais, e contra você mesmos. E para redimir a falta cometida, espere no portão das bênçãos um pouco mais. (Tradução livre).

¹² “Porque ele faz raiar (nascer) o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre os justos e injustos.”

Gibran chega a fazer uma analogia sobre o coração do homem, pois entende que o bem e o mal estão no coração do ser humano, e lá também há o que deve ser cortado, e raízes que devem ser arrancadas.

Uma sacerdotisa então pede a *O Profeta* que ele fale da razão e da paixão, e ele diz: “*Vuestra alma es a veces, un campo de batalla sobre el que vuestra razón y vuestro juicio combaten contra vuestra pasión y vuestro apetito*¹³”. (GIBRAN, p. 44, 1982).

Claramente Gibran começa a mostrar que há uma batalha no coração do homem. A batalha está dentro do homem, no interior. O homem sofre na mente as batalhas, o homem está sendo um campo de batalha. A batalha começa na mente, mas ela desce para o coração. Então quando o homem é dominado em sua mente, o seu coração consequentemente será dominado.

Então, o homem, no entendimento de Gibran, precisa equilibrar a razão e paixão, para que alcance uma vida para o bem. Esse processo de equilíbrio, para Gibran, evolve a dor. Como um oleiro precisa moldar o barro e dessa forma o umedece, assim o homem moldado para o bem é umedecido com suas lágrimas. A dor, dessa forma, também é sagrada.

O sábio Salomão descreve que do coração humano procedem as fontes da vida.

Meu filho, escute o que te digo; preste atenção às minhas palavras. Nunca as percas de vista; guarde as no fundo do coração, pois são vida para quem as encontra e saúde para todo o seu ser. Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida. Provérbios 4.20-23.

O Senhor Jesus Cristo nos evangelhos, por sua vez, recomenda que guardemos o coração como tesouro da maldade humana, para que dele proceda o bem, e não o mal (Lucas 6.45¹⁴).

Quem solicita a *O Profeta* que ele fale da amizade é um jovem. A essa solicitação *O Profeta* responde:

Your friend is your needs answered. He is your field which you sow with love and reap with thanksgiving. And he is your board and your fireside. For you

¹³ Vossa alma é frequentemente um campo de batalha onde vossa razão e vosso juízo combatem vossa paixão e vosso apetite.

¹⁴ “O homem bom tira coisas boas do bom tesouro que está em seu coração, e homem mau tira coisa más do mal que está em seu coração, por que a sua boca fala do que está cheio o coração.”

*come to him with your hunger, and you seek him for peace*¹⁵. (GIBRAN, p. 70, 1951).

Gibran entende que a amizade é a resposta das necessidades. A amizade é semeada e colhida com carinho e gratidão. A necessidade, dessa forma, é satisfeita na amizade, no dividir conjunto da semente e da colheita. E, quando a necessidade se satisfaz no exercício da amizade, a amizade se fortalece. Logo, a amizade envolve tanto a relação que temos de ter, segundo Gibran, com a natureza, de quem precisamos para suprir nossas necessidades, como do Criador, de quem precisamos para que haja a natureza e a nós mesmos, e do outro, de quem precisamos do convívio e da ajuda.

11

O sábio Salomão também reconhece a sacralidade da amizade quando diz: “Em todo tempo ama o amigo; e na angústia se faz (nasce) o irmão” (Provérbio 17:17). E também quando diz: “...mas existe (há) Amigo que é mais apegado (chegado) que um irmão.” (Provérbio 18:24b)

Em ambos os sentidos o sagrado da amizade resulta do vínculo entre dois corações.

Após Gibran tratar da amizade ele apresenta a importância do diálogo, do falar ou conversação.

*You talk when cease to be at peace with your thoughts; and when you can no longer dwell in the solicitude of your heart you live in your lips, and sound is a diversion and a pastime*¹⁶ (GIBRAN, pp. 72-73, 1951).

Para Gibran, o diálogo do erudito são palavras de sabedoria. Mas, ele também adverte que a prática do silêncio em certas ocasiões também demonstra sabedoria.

Ele recomenda, portanto, a justa medida entre não falar do que não se sabe e não deixar de falar do que é verdade.

O sábio Rei Salomão, ao escrever Eclesiastes 3.7b, ensina que a tempo de dialogar e manter o silêncio. Quanto ao calar (ficar quieto), Salomão resume: “Até o insensato passará por sábio, se ficar quieto (calado), se contiver a língua, parecerá que tem entendimento.” (Provérbios 17.28).

¹⁵ Seu amigo é sua necessidade respondida. Ele é o campo que você semeia com amor e colhe com ações de graças. E ele é sua mesa e sua lareira. Pois você vem com ele com fome, e você o busca para paz. (Tradução livre).

¹⁶ Falai (conversai) quando cansar de estar em paz com seus pensamentos. E quando se cansar de viver com seu coração solitário, e som lhe servir de diversão e passatempo. (Tradução livre).

Quem pergunta do tempo a *O Profeta* é um astrônomo, que ouve como resposta:

*You would measure time the measureless and the immeasurable. You would adjust your conduct and even direct the course of your spirit according to hours and season. [...] Yet the timeless in you is aware of life's timelessness, and knows that yesterday is but today's memory and tomorrow is today's dream. [...] And let today embrace the past with remembrance and the future with longing*¹⁷. (GIBRAN, pp. 74-75, 1951).

O tempo para Gibran seria quantitativo, *Cronos*, ou qualitativo, *Kairós*? Um tempo contado (cronos) ou o tempo divino, tempo de Deus, do eterno, do sagrado (kairós)? Para Gibran, o homem vive em função do tempo, o homem vive pensando no futuro. Ele chega a dizer que essa relação é tão profunda, que amanhã seremos aquilo que sonhamos hoje. Então ele afirma que por mais que possamos contar o tempo, ele não é divisível nem o podemos sondar. Se dividirmos o tempo em estações, nunca deveríamos perder de mente que cada estação envolve todas as outras estações, e que o nosso presente abraça o passado com nostalgia e o futuro com carinho.

O tempo, portanto, é que guardará a memória do bem e do mal. Por isso também que, juntamente à reflexão sobre o tempo, Gibran traz os anciãos (que, cultura árabe, têm o papel de conselheiro, de orientador, o patriarca) que dão as diretrizes para a sociedade. E a reflexão trazida sobre as diretrizes para a sociedade repousa na seguinte questão: “*Of the good in you I can speak, but not the evil. For what the evil but good tortured by its own hunger and thirst?*”¹⁸. (GIBRAN, p. 76, 1951).

Gibran se limita a esta pergunta. Para ele, portanto, a maior diretriz do homem é fazer o bem.

Nas Escrituras, a prática do bem é mais desafiadora para o homem em virtude do pecado. Diz o Apóstolo Paulo, que “[...] o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero, não sou eu quem faz, mas o pecado que habita em mim” (Romanos 7.19).

Nas Escrituras, a prática do bem pelo homem, pelas suas próprias forças, não é possível porque o mal tornou-se algo de sua natureza. No pensamento de Apóstolo

¹⁷ Você pode medir o tempo imensurável e ilimitado. Você pode ajustar suas ações e até mesmo planejar seu futuro de acordo com as horas e as estações. [...] Mas a eternidade que há em você sabe da imensurabilidade da vida, e sabe que amanhã não é mais do que a memória de hoje, e o amanhã, é o sonho de hoje (Tradução livre).

¹⁸ Do bem que está em vós podereis falar, mas não do mal. Pois, o que é o mal senão o bem torturado por sua fome sede? (Tradução livre).

Paulo, o grande desafio é a grande luta dentro do coração do homem entre o bem e o mal.

A seguir Gibran passa a falar da prece. Diz *O Profeta*:

You pray in your distress and in your need; would that you might pray also in the fullness of your joy and in your days if abundance. For what is prayer but the expansion of yourself into the living ether? (GIBRAN, pp. 79-80, 1951).

13

Gibran entende que, na maioria das vezes, a oração ou a prece são a busca pelo sagrado diante do sofrimento e da necessidade. A ação é religiosa porque repousa na crença de que o sagrado teria poder de acabar com o sofrimento e a necessidade, mas deve ser advertida porque tem mais um compromisso com o fim da aflição humana do que com o sagrado. Para Gibran, a oração deve ser feita como uma reverência ao Sagrado, tanto no tempo das aflições como das alegrias.

As Escrituras Sagradas também se ocupam da oração, principalmente quando no evangelho de São Mateus 6:5-13, Jesus ensina seus discípulos a orarem:

Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o pão nosso de cada dia. Perdoa as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém. (São Mateus 6:5-13).

Na oração se estabelece um diálogo entre o homem com Deus. Logo se conclui que quando o homem ora, mais do que expor suas necessidades, ele se comunica com o sagrado. Nesse sentido, a oração é bem mais do que a súplica, é o diálogo.

Gibran afirma que uma oração que visa apenas a súplica é uma oração em que a pessoa quer o benefício muito mais do que a companhia do benfeitor. Para ele, a oração tem de ser mais do que um pedido, precisa ser um compromisso.

Então um Ermitão pede que *O profeta* fale do prazer.

*And he answered, saying: Pleasure is a freedom of song, but it is not freedom. It is the blossoming of your desires, but is not their fruit. It is depth calling unto a height, but is into the deep nor the high*¹⁹ (GIBRAN, p. 84, 1923).

¹⁹ E ele respondeu, dizendo: Prazer é uma liberdade de cantar, mas isto não é liberdade. Isto é o desabrochar dos seus desejos, mas não é seu fruto. Isto é o profundo chamando a altura, mas é o que está nas profundezas, não o que está nas alturas (Tradução livre).

Para Gibran, a procura pelo prazer existe e, mais do que proibi-la, o que ele faz é advertir aqueles que procuram o prazer simplesmente, dizendo: deixem que procurem o prazer porque nunca o encontrarão somente a ele. Então ele faz com que as pessoas percebam que o prazer quando recordado deve ser recordado como um bem, do contrário, o que foi achado enquanto se procurou por ele foi o mal.

Haveria, portanto, segundo Gibran um prazer bom e um mau? Certamente. Mau prazer, para Gibran, é aquele que ofende o sagrado, o eterno e que ofende também o próximo. O prazer encontrado junto a uma mulher casada é um prazer que se encontra junto ao destrato a lei do sagrado que preza pela família, e junto ao destrato pelo próximo que amava sua mulher.

Um prazer bom é aquele que respeita o sagrado, o eterno e serve ao próximo. Para ele, usando o exemplo das abelhas e das flores, fomos criados para esse prazer. Se existimos para fazer bem ao próximo, e nisto somos plenos para o sagrado, para o eterno, nosso prazer será completo quando assim procedermos.

Nas Escrituras o prazer bom traz felicidade ao ser humano. Mas o prazer está no cumprimento do bem, na lei do Senhor e em mela meditar (Salmo 1.2²⁰).

Por outro lado a pratica do prazer mal trará consequências para o homem, porque, biblicamente, “Quem se entrega aos prazeres passará necessidade” (Provérbios 11.17a).

Um poeta, então, pede a *O profeta* que ele fale da beleza.

*And he answered: Where shall you seek beauty, and how shall you find her unless she herself be your way and your guide? [...] Beauty is eternity gazing at itself in a mirror. But you are eternity and you are the mirror*²¹. (GIBRAN, p. 18, 1923)

Para Gibran, o homem busca eternamente o belo e a beleza para si mesmo. Mas ele remete a beleza ao próprio ser. A beleza é, portanto, em Gibran, mais do que a busca pela eternidade, ela é a eternidade. Ela também é mais do que uma aparência, ela é

²⁰ “Ao contrario, sua satisfação (prazer) está na lei do Senhor e nessa lei medita dia noite.”

²¹ E ele respondeu: Onde achareis a beleza e como fareis para encontra-la se ela não estiver em seu caminho e não for sua guia? [...] A Beleza é a eternidade olhando a si mesma em um espelho. Mas você é eternidade e espelho (Tradução livre).

aparente. A beleza, portanto, é o eterno e aquilo que é o que aparenta ser. O que reúne tais características se não o sagrado?

Nas Escrituras Sagradas, a beleza genuína é a beleza de Deus, o Senhor Eterno (Isaías 4.2²²).

Jó, conhecido pelo seu sofrimento e perda de sua família de maneira trágica através das catástrofes expressa a sua experiência no seu encontro ao contemplar a beleza de Deus que impactou a sua vida, dizendo: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (Jó 42.5). Jó ouviu e sabia sobre Deus pela tradição religiosa, mas foi através da contemplação da beleza do Redentor que Jó conheceu a Deus e alcançou a paz de consciência através do perdão do seu Redentor.

Então um sacerdote ancião pede a *O profeta* que ele fale sobre a religião, o que ele responde:

I have spoken this day of aught else? [...] Who can separate his faith from his actions, or his belief from his occupations? Who can spread his hours before him, saying, “This for God and this for myself; this for my soul, and this other for my body? [...] Your daily life is your temple and your religion”²³. (GIBRAN, pp. 91-92, 1923)

Gibran trata a religião como uma prática cotidiana. É como uma pessoa brinca com seus filhos, como ergue os olhos para o espaço, como contempla o descer da chuva. O Sagrado, então, para Gibran está no bem e na relação benéfica com o próximo: está o tempo todo ao nosso lado, portanto.

Em Gibran, a religião tem função terapêutica e é essencial à família, porque, além de ser o exercício de contemplação do bem, e o exercício do bem em comunidade. Além disso, proporciona uma identidade ao grupo, identidade essa formada pela ação ética e moral do ser humano, primeiramente na família e, depois, para a sociedade.

Nas Escrituras Sagradas, a religião é tratada como santa e imaculada quando também beneficia o outro e cumpre as ações do bem que agradam a Deus. Diz o Apóstolo Tiago: “A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é

²² “Naquele dia o Renovo do Senhor será belo e glorioso, e o fruto da terra será orgulhoso e a gloria dos sobreviventes de Israel.”

²³ E nesse dia falei de outra coisa que não fosse religião? [...] Quem pode separa suas ações, ou suas crenças de suas ocupações? Ou quem pode dividir seus dias dizendo: "Isso é para Deus e isso para mim; isso para minha alma, e isso para meu corpo?" [...] Sua vida diária é seu tempo e sua religião (Tradução livre).

esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper o mundo.”. (Tiago 1.27).

Nas Escrituras, no entanto, o homem não alcança a Deus pelo seu compromisso com o bem, mas Deus alcança o homem com o bem, o amor, o perdão, e a vida que há em Cristo. Ele que nos dá esperança da vida eterna. Então o que realmente nos liga, nos religa a Deus, nas Escrituras, é Cristo, não há outra maneira.

Para Gibran a morte é real e vai ser enfrentada por todos os homens. Nenhum homem nasceu para ficar para sempre neste corpo humano: o homem nasce, cresce, envelhece e morre. Mas a alma não, a alma é eterna.

Nas Escrituras, o Apóstolo Paulo, ao tratar sobre a morte, a menciona como o último inimigo do homem a ser vencido (1 Coríntios 15), e vencido, completam os Evangelhos, por Jesus que diz: “eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto viverá” (João 11.25).

Em Gibran há partes da obra *O Profeta* em que é possível se verificar uma doutrina da reencarnação. Em pelo menos três trechos, *O Profeta* menciona a ideia de retorno e retorno em outro corpo²⁴ (DAOUDI, 1982). A alma, para Gibran, é portanto eterna e profundamente ligada ao sagrado.

A Bíblia nega a doutrina da reencarnação conforme o entendimento (pensamento) de Gibran. Nas Escrituras está dito que o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar juízo (Hebreus 9.27²⁵).

Consideradas essas nuances do Sagrado em Gibran, e as considerações sobre os mesmos pontos, no prisma judaico-cristão, basta, por fim, considerar a própria relação do escrito sagrado com o escritor desses temas sacros. Parece que, neste assunto, dentre os estudiosos de Gibran, influenciados por Mikhail Naimy, há um consenso identificar Almustafá, o profeta do livro homônimo de Gibran, como o próprio Gibran. Orphalese, a cidade para quem fala Almustafá, equivaleria a Boston. Almitra, a fiel amiga de Almustafá, seria, por fim a mais importante das admiradoras de Gibran que, inclusive

²⁴ “mas se a minha voz se extinguirem-se seus ouvidos, e o meu amor se desaparecer de sua memória, ai voltarei novamente” (DAOUDI, p.94, 1982) / “mas um pouco, um momento de descanso sob o vento e uma outra mulher dará a luz a mim” (DAOUDI, p.94, 1982) / “não se esqueça de que voltarei para você, mas um pouco, e a minha nostalgia reunirá poeira e escoa para um outro corpo” (DAOUDI, p.94, 1982).

²⁵ “Da mesma forma, como o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo.” Hebreus 9.27.

lhe deu auxílio moral e financeiro para empreender sua obra: Mary Haskell. Há ainda aqueles que aproximam os sermões de Almustafá com o sermão da montanha de Jesus. A promessa de retorno de Almustafá seria, por fim, a afirmação de Gibran da doutrina da reencarnação.

N. Naimy aceita as afirmações acima, mas vai além, em sua análise, quando diz:

Mas olhando ainda mais profundamente, Al Mustafá consegue simbolizar o homem que no conceito de Gibran transformou-se em seu “Eu mais livre”. Aquele que percebeu dentro de si uma passagem do humano para o divino, e, portanto, está pronto para emancipar, reunir-se à vida absoluta. Seu barco é a morte, e chegou para levá-lo a ilha onde nasceu, o mundo platônico da realidade metafísica. Quanto ao povo de Orphalese representa a sociedade humana, que fica ao largo, aonde os homens exilados em sua existência espacial e temporal, do seu verdadeiro eu, ou seja, de Deus, necessita da mão profética que os guiará em sua jornada rumo a Deus, levando-os do humano até o divino. Por ter, ele próprio, feito tal viagem, Almustafá se apresenta, como sendo tal guia nos sermões existentes no livro, ou seja, no livro O Profeta. (DAOUDI, pág. 92, 1982)

Provavelmente se Gibran Khalil Gibran tivesse escrito e publicado O Profeta durante a primeira fase da sua carreira, como autor, os vínculos entre ele e o livro teriam sido mais facilmente identificados, mas quando a publicação de fato aconteceu, Gibran já se configurava uma pessoa de pensamento abrangente, de forma que sua obra dificilmente seria imediatamente limitada a alguns aspectos pessoais de sua vida.

Entretanto, Almustafá, que, em árabe, significa o escolhido, o eleito, ou aquele que foi eleito ou escolhido por Deus, para ser o homem de confiança, era o que Gibran queria ser, embora não o fosse (DAOUDI, pág. 93, 1982).

Mas, com otimismo e poética, se não Almustafá, Gibran conseguiu deixar para quem o leu a defesa da sensibilidade, a reflexão do sagrado em seus muitos temas, e a defesa pela vida — defesas que, por princípio, realmente são bem abrangentes, como sua obra, por fim, ficou.

Referências Bibliográficas

ABED AL-JABRI, Mohamed. *Introdução à crítica da razão árabe*. São Paulo: UNESP, 1999.

ALLEN, Mark. *Árabes*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2007.

- AZEVEDO, Mateus Soares. *Mística Islâmica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAALBAKI, Ezzeddine Hussein. *O islã e o choque de civilizações*. S. B. Campos: Arrisala, 2006.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FLETCHER, Richard. *A cruzada e crescente Cristianismo e islã, de Maomé à Reforma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- GIBRAN, Khalil Gibran. *Le Prophète*. Paris, France: Éditions Albin Michel, 1990.
- _____. *O Profeta*. Rio de Janeiro: ACIG, [s.d]
- _____. *The prophet*. USA: Alfred A. Knopf, 1923.
- _____. *El Profeta*. España: Editorial Ramos/Majos, 1982.
- _____. *O Profeta*. São Paulo, Madras Editora, 2009.
- _____. *Jesus, O Filho do Homem*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 1976.
- _____. *Cartas de amor do Profeta/Kahlil Gibran 1883 – 1931*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- GREIBER, Betty Loed. *Memórias da Imigração libaneses e sírios em São Paulo*. São Paulo: Discurso editorial, 1998.
- JUNIOR, Antonio Soukef. *Os cinco Ôrfãos: Lar Sírio Transformando Histórias*. São Paulo: Dialetto, 2005.
- KAHLIL, Leonardo. *The thoughts and meditations of Kahlil Gibran*. United Kingdom: Carol Publishing, 1962.
- LE BON, Gustavo. *La civilización de los árabes*. Buenos Aires: Ediciones Libertad, 1949.
- LEWIS, Bernard. *O oriente médio: Do advento do cristianismo até hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- MASSOULIÉ, François. *Os conflitos do Oriente Médio Século XX*. São Paulo: Ática, 1994.

SAFADY, Jamil. *A cultura árabe no Brasil, Líbano Síria*. São Paulo: Safady, 1933.

SALLEB, Abdul; GEISLER, Norma L. *Answering Islam*. USA: Baker Books/Grand Rapids, 1995.

SALEM, Jean. *O povo libanês – Ensaio de Antropologia*. São Paulo: Van Grei, 1969.

YOUNG, Barbara. *Gibran, esse homem do Líbano*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 1973.

ZAIDAN, Assad. *Filósofo dos Profetas, Profeta dos Filósofos*. São Paulo: Escrituras, 2008.

Associação Cultural Brasil-Líbano é uma entidade de cunho cultural, apartidária, sem fins lucrativos e econômicos, que tem por finalidade preservar e divulgar a cultura libanesa no Brasil e Líbano, visando o fortalecimento dos laços de amizade entre os dois países. Cuja a presidente da Associação Cultural Brasil- Líbano é a professora Lody Brais.

Referências virtuais

<http://youtu.be/xNPbmsF9wtw>. Acesso em: 02 de junho de 2011.

http://www.libano.org.br/aembaixada_espacogibran.htm. Acesso em: 07 de junho de 2009.

<http://www.libanbylody.com.br/>. Acesso em: 10 de junho de 2011.

<http://www.arabesq.com.br/Principal/Comunidade/CommunityArticle/tabid/68/ArticleID/503/Default.aspx>. Acesso em: 10 de Junho de 2011.

<http://www.icarabe.org/cursos-icarabe>. Acesso em: 10 de Junho de 2011.

<http://www.ccsirio.org/>. Acesso em: 10 de Junho de 2011.

<http://www.arabesq.com.br/Principal/Comunidade/CommunityArticle/tabid/68/ArticleID/503/Default.aspx>. Acesso em: 10 de Junho de 2011.

http://www.ultimato.com.br/?pg=show_artigos&secMestre=1650&sec=1659&num_edicao=304. Acesso em: 14 de maio de 2011.

http://www.acla.art.br/Revista_ACLA.pdf. Acesso em: 14 de maio de 2011.

http://www.aub.edu.lb/development/campaign_report/Pages/ComprehensiveDonorList1_5.aspx#top. Acesso em: 14 de maio de 2010 de 2011.